

# SESSÕES DO PLENÁRIO

**32ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 23 de agosto de 2024.**

## **PRESIDENTE: DEPUTADO ROBINSON ALMEIDA (AD HOC)**

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em celebração aos 56 anos do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (Apub), a partir de proposição da nossa autoria.

Convido, para compor a Mesa, a Sr.<sup>a</sup> Clarisse Goulart Paradis, presidenta em exercício da Apub Sindicato; o Sr. Penildon Silva Filho, professor e reitor em exercício da Universidade Federal da Bahia, a nossa querida Ufba; a Sr.<sup>a</sup> Mônica de Paula Oliveira Pires de Aragão, defensora pública, neste ato, representando a Sr.<sup>a</sup> Firmiane Venâncio de Carmo Souza, defensora-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia; o Sr. Joviniano Soares de Carvalho Neto, ex-presidente da Apub Sindicato, mas eterno presidente da Apub Sindicato; a Sr.<sup>a</sup> Raquel Nery Gomes Lima, diretora do Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes); o Sr. Dr. Geraldo Sampaio Costa, professor, neste ato, representando a Dr.<sup>a</sup> Georgina Gonçalves dos Santos, magnífica reitora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); a Sr.<sup>a</sup> Tânia Moura Benevides, assessora de Articulação de Ensino Superior, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, neste ato, representando o governo do estado da Bahia; o Sr. Herbert Coelho Rodrigues, diretor de Políticas Educacionais da UEB (União dos Estudantes da Bahia) e estudante de BI em Artes, da Ufba; a Sr.<sup>a</sup> Maria Cristina Brito, secretária de Finanças da CUT-BA; a Sr.<sup>a</sup> Rosângela de Santana, coordenadora de Políticas Sociais e Antirracistas, da Assufba; a Sr.<sup>a</sup> Mírian Sumica Carneiro Reis, diretora do Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab); e a Sr.<sup>a</sup> Laís Santana, presidente do Conselho Estadual de Juventude da Bahia. (Palmas)

Todos e todas são muito bem-vindos à nossa sessão especial.

Neste momento, em posição de respeito, ouviremos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Agradeço e, ao mesmo tempo, registro a presença da deputada estadual Olívia Santana, presidente da Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público, da nossa Casa. Ela é grande parceira nas ações de valorização dos movimentos das entidades e da sociedade civil baiana.

Assistiremos, agora, à apresentação musical de Matilde Charles.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, Matilde.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Agora, farei o meu pronunciamento.

Peço à deputada Olívia Santana assumir a presidência dos trabalhos à Mesa em meu lugar, pois vou me dirigir à tribuna.

(A Sr.<sup>a</sup> Olívia Santana assume a presidência da Mesa.)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Com a palavra o deputado Robinson Almeida.

**O Sr. ROBINSON ALMEIDA:** Bom dia, mais uma vez, a todos e a todas.

Sejam muito bem-vindos a esta Casa, a Casa da democracia do povo baiano.

Nós estamos representando a vontade de milhões de eleitores que nos escolheram como deputados estaduais da Bahia para esta atual legislatura.

Quero cumprimentar a Mesa anteriormente nominada. Na pessoa de Clarisse, atual presidente da Apub, cumprimento todas as mulheres. Na pessoa de Joviniano Neto, sempre presidente da Apub, cumprimento todos os homens.

Antes de começar a minha fala, quero pedir a vocês uma salva de palmas aos 56 anos do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (Apub). (Palmas)

(Lê) “É uma honra poder realizar esta sessão especial no Plenário da Assembleia Legislativa para celebrar a trajetória e a importância históricas da Apub. São quase 6 décadas na defesa dos trabalhadores da educação superior, inclusiva e transformadora, na defesa da democracia e na defesa do fortalecimento das universidades federais baianas e dos institutos federais de educação.”

Eu fui estudante da Universidade Federal da Bahia na década de 1980. Vejo, aqui, Ubiratan Félix, sempre presidente do Senge-BA (Sindicato dos Engenheiros da Bahia) e Penildon, além de outros contemporâneos como Olívia.

A Apub, para a gente, sempre foi uma referência, não só porque era a forma de a gente ver os nossos professores de sala de aula não apenas como professores, mas também como sujeitos políticos, como pessoas que nos ensinavam a importância da organização sindical e da luta pelos direitos, para além do conhecimento acadêmico ministrado nas salas de aula.

Então a Apub organizava, para nós, outra dimensão de aprendizado. Eu aprendi muito. Tenho sempre uma memória afetiva daquele auditório da Faculdade de Arquitetura, liderado pela saudosa Sofia Osinski. (Palmas) Eram assembleias muito participativas dos professores na década de 1980. Creio que a Apub está enraizada em cada um de nós que viveu a universidade federal, porque era impossível respirar o ambiente universitário sem ter a participação efetiva e a liderança dessa instituição.

(Lê) “(...) A Apub, desde a sua fundação em 1968, na esteira da luta democrática contra a ditadura militar, tem sido um pilar fundamental na defesa de uma educação pública superior de qualidade, tendo a valorização dos professores como eixo estratégico na formação do nosso cenário educacional e democrático.

Todos nós sabemos que a educação é determinante para construirmos uma sociedade mais justa, fraterna, igualitária e para ter um país com mais desenvolvimento, democracia e justiça social.

A Apub nasceu em um período de profunda turbulência política e social no Brasil. O surgimento dos sindicatos se deu em um contexto de repressão e censura, quando a invasão pela Polícia Militar na Faculdade de Economia da Ufba desencadeou uma onda de mobilização que marcou o início dessa história. Desde então, a defesa da democracia tornou-se uma bandeira indissociável da sua atuação. A Apub liderou a resistência contra a ditadura militar em nosso país, lutando, incansavelmente, por liberdades, direitos civis e direitos humanos.”

Eu faço a referência sempre. Por que o nome Apub? Porque, naquele período, não era possível ter sindicatos. Tinham de ser associações. Se fosse uma democracia, a Apub provavelmente nasceria Sinpub, ou seja, como sindicato dos professores. E vejam como os nomes têm significados! O que seria estranho, para nós, estarmos falando Sinpub e não Apub que virou algo familiar, da nossa intimidade, do nosso pertencimento.

A mesma coisa é outra instituição importante: a APLB. Ela que é uma prima da Apub e que também tem uma trajetória com muita interseção, com muita coincidência, porque nasceu nesse período de repressão e de censura. Se hoje nós vivemos numa democracia e asseguramos o direito à associação e à sindicalização isso é também uma marca da luta e da resistência da Apub.

Foi a ousadia, a determinação de homens e de mulheres, lá no passado, em resistir a um regime de opressão que tornou possível a gente ter hoje um ambiente mais permeável à organização dos trabalhadores no que paire as ameaças constantes que nós vivemos em relação à democracia no nosso país. Então eu tenho de fazer também esse registro da importância da Apub na organização do movimento sindical aqui da Bahia.

(Lê) “Esse compromisso com a democracia e com a educação pública tem sido um fio condutor da sua trajetória. Em 1984, nos estertores, no final da ditadura militar, a Apub se destacou por sua atuação decisiva na greve e ocupação...” que durou mais de 100 dias na universidade, imaginem, mais de 100 dias uma greve de professores universitários. “(...) Esse movimento não só evidenciou a força e a unidade dos servidores, mas também ajudou a impulsionar o movimento e a luta popular no Brasil, que desembocou na elaboração da nova Constituição em 1988...”

Então essa é uma referência muito importante. Foi essa luta de resistência das organizações populares e sindicais do movimento social que pressionou a eleição de deputados federais, de senadores, no Brasil, naquela época, e foi determinante para que a nossa Carta de 1988 pudesse assegurar direitos subtraídos pela ditadura. Ela também garantiu o direito dos servidores de se organizarem em sindicatos, porque não era permitido, (lê) “(...) foi uma conquista monumental que consolidou a importância da organização coletiva e da luta por melhores condições de trabalho e de vida. Sempre atuante na luta dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Na década de 1990, enfrentamos o avanço do neoliberalismo que ameaçava privatizar o ensino superior no Brasil. A Apub, mais uma vez, foi um dos

protagonistas na resistência a essa agenda, defendendo a educação pública e gratuita como um direito fundamental e uma ferramenta essencial para a justiça social e o desenvolvimento nacional.

A luta contra a privatização e pelo fortalecimento das instituições públicas de ensino superior foi uma batalha crítica e que demonstrou a importância de termos um sindicato forte e atuante. Essa mobilização resistente, por sinal, contribuiu para que a Bahia pudesse ampliar o número de universidades federais na Bahia depois da eleição do presidente Lula em 2002.”

Eu faço mais um parêntese, porque a década de 90 foi uma década de ameaça ao ensino público superior no Brasil, capitaneada pelos neoliberais, por Fernando Henrique, por sua agenda de retirada do direito dos trabalhadores, mas a Apub teve 1 década de resistência e esse acúmulo foi muito importante para que em 2002 o Brasil pudesse eleger o primeiro governo popular da sua história, que foi o governo do presidente Lula, e, essa luta foi responsável por isto, se em 60 anos tínhamos apenas uma universidade, (Lê) “hoje a Bahia pode se orgulhar da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, da Universidade Federal do Sul da Bahia, da Universidade Federal do Oeste da Bahia, da Universidade Federal do Vale do São Francisco e da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- Unilab.”

Nós saímos de uma universidade federal para seis universidades federais, e, eu não posso também deixar de registrar o DNA da Apub na construção dessa expansão do ensino superior em nosso solo.

(Lê) “E não é só isso, atualmente a Bahia é o estado da Região Nordeste que tem o maior número de unidades de institutos federais de educação técnica e superior, com 38 campi, sendo 24 do Ifba e 14 do IF Baiano, mas, recentemente, o presidente Lula autorizou a construção de mais seis institutos federais, inclusive, um será em Salvador e esse número está em ampliação.

Em nível nacional, a Bahia ocupa a quarta posição entre os estados com maior número de unidades dos institutos federais.” Isso é também uma questão de reparação histórica e de justiça. Nós somos a quarta população dos estados brasileiros e temos de ter a oferta de ensino superior proporcional à necessidade do nosso povo, o que era uma dívida histórica dos governos anteriores em relação ao Nordeste e em relação à Bahia. Eu tenho de registrar que graças à eleição do presidente Lula e dos governos populares essa reparação histórica começou a ser feita em nosso país.

(Lê) “São conquistas implementadas nos governos populares, lideradas pelo Partido dos Trabalhadores, mas fruto da luta da Apub e de cada um de vocês presentes nessa atividade solene da luta coletiva por uma educação pública transformadora de vidas.

Mais recentemente, em 2016, a Apub teve uma atuação destacada contra o processo de impeachment que resultou na destituição da presidenta Dilma Rousseff.” Impeachment, não, foi um golpe promovido pelas elites brasileiras que quebraram a regra básica da nossa Constituição: quem ganhou tem de governar. Submeteram à soberania popular ao seu apego pelo poder, não aceitavam mais que governos populares pudessem democratizar o Orçamento, construir universidades, construir institutos federais, fazer transferência de renda, colocar os pobres no Orçamento.

Isso incomodou as elites, associado ao machismo estrutural, que retiraram de forma violenta uma presidenta legitimamente eleita, a presidenta Dilma. Mas a Apub esteve do lado da democracia mais uma vez, do lado certo da história.

Depois desse período, nós vivemos 6 anos aqui no Brasil de uma verdadeira tempestade, o governo Temer voltou com a agenda ultraneoliberal, depois resultou no país da ascensão da extrema direita do presidente que não devemos nem citar o nome, o inelegível.

Esses governos anteriores ao atual foram responsáveis por um ataque àqueles direitos conquistados na Carta de 1988, com reformas recessivas, a reforma da Previdência, a reforma Trabalhista, o golpe nos direitos dos trabalhadores. Esse foi um período de amplo terror, de ameaças de golpes; de ruptura da democracia; de *lawfare*; de perseguição e prisão da maior liderança popular desse país, o presidente Lula; de dificuldades para aqueles democratas, pessoas que têm uma ideologia de esquerda, socialistas, comunistas, correram perigo de vida em usar uma camisa vermelha, em usar um boné vermelho.

Nós vivemos um período de ódio, de arbítrio, um período em que nós tivemos a nossa democracia por um fio, mas graças, mais uma vez, à nossa resistência, à resistência do povo brasileiro, nós pudemos resgatar a história, eleger novamente o presidente Lula e enfrentar, em outro patamar, as ameaças que não cessam, que estão nos rodeando.

Não foi de outra maneira que nós assistimos ao episódio do 8 de Janeiro de 2023, quando tentou-se, novamente, um golpe neste país com a invasão da sede dos Três Poderes, com a tentativa de se criar um caos institucional no país e de promover a entrada dos militares para assumirem o poder.

A democracia continua correndo risco, por isso é muito importante e necessária a organização de todos nós e especialmente da nossa Apub, a homenageada no dia de hoje.

(Lê) “A defesa da democracia tem sido um pilar fundamental dessa atuação em tempos de desafios e de transformações políticas. A Apub nunca vacilou em sua crença de que a educação é a base sobre a qual se constrói uma sociedade justa e igualitária. O sindicato sempre defendeu com vigor a importância da liberdade acadêmica e da autonomia das instituições de ensino, pois entende que são esses princípios que garantem o pluralismo de ideias e a pluralidade de perspectivas no ambiente universitário.

A luta pelos direitos dos professores é outro aspecto essencial da trajetória da Apub. A entidade tem se esforçado incansavelmente para garantir melhores condições de trabalho, valorização e respeito aos docentes. Reconhecemos que os professores são a força motriz por trás da transformação educacional e social, portanto, suas condições devem refletir a importância de sua contribuição para o desenvolvimento do conhecimento e da sociedade.

A defesa de uma educação pública superior inclusiva e de excelência é uma causa que está no coração da Apub. Acreditamos que a educação deve ser um direito acessível a todos, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural.

Uma educação de qualidade não é apenas um meio de promover o crescimento pessoal, mas também de construir um futuro mais justo e equitativo para todos, uma sociedade saudável e um país próspero.

A história da Apub é marcada por conquistas significativas que impactaram diretamente o serviço público e à vida do povo brasileiro. A luta dessa entidade foi fundamental para a realização de vários avanços, mas é importante reconhecer que ainda há muito por fazer. Continuamos a enfrentar desafios, mas nossa determinação em promover uma educação superior inclusiva e de qualidade, em fortalecer as universidades e os institutos federais, com a valorização dos professores, do corpo técnico e de todos os servidores, continua firme e inabalável.

A trajetória do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (Apub) é um testemunho do poder da ação coletiva e do impacto que podemos ter na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

É com esse compromisso político, social e sindical que seguimos em frente, inspirados pela resistência e esforços dessas quase 6 décadas de existência da Apub, comprometidos com a realização de um futuro em que a educação pública, como marco civilizatório, se consolide como pilar essencial para construirmos uma sociedade mais desenvolvida, justa e fraterna.

Viva aos 56 anos do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia! Viva à Apub! Vida longa à Apub!”

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> PRESIDENTA (Olívia Santana): Parabéns, deputado Robinson Almeida.

Eu quero aproveitar e saudar todos os presentes nesta sessão importantíssima e histórica, o Sr. Penildon, nosso reitor em exercício, querido, meu contemporâneo e de Robinson no movimento estudantil; a Sr.<sup>a</sup> Clarisse, presidenta em exercício da Apub, professora. Quero também destacar a minha saudação a este Plenário na figura do Sr. João Augusto, nosso querido professor, defensor ardoroso do legado de Anísio Teixeira em nosso estado, na educação baiana e brasileira. (Palmas)

Portanto, quero desejar longa vida, cheia de êxito e de muitas vitórias para a Apub e para a categoria de professoras e de professores! Saúdo ainda o Sr. Ubiratan Felix, meu também contemporâneo de professoras e professores dessas universidades federais da nossa Bahia, que tanto contribuem com a construção de um projeto de nação.

Sem educação não há um país desenvolvido, democrático e generoso.

Forte abraço. Tudo de bom à Apub. Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

(O Sr. Robinson Almeida assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Concedo a palavra ao Magnífico Reitor em exercício da Universidade Federal da Bahia, orgulho para todos nós, professor Penildon Silva Filho. Por gentileza. (Palmas)

**O Sr. PENILDON SILVA FILHO:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. Deputado Robinson Almeida, em nome de quem quero cumprimentar todos os membros da Mesa. Eu não poderia deixar de registrar a presença, ele mesmo falou... na verdade, eu fui calouro de Robinson. Eu comecei a fazer Engenharia Elétrica, quando ele estava se formando.

Fui, um pouco, calouro de Olívia, à época, estava no movimento estudantil, já no Diretório Acadêmico de Pedagogia. Então, não posso deixar de fazer esses registros. O professor Ubiratan Felix foi o preceptor político também do movimento estudantil.

Eu posso dizer que todos nós fomos muito filhos da Apub, não é mesmo, Robinson? A professora Eveline, à época, era presidente da Apub, e era assegurado que os estudantes tinham de passar na Apub para poderem sempre conversar com os dirigentes sindicais do movimento docente.

Quero fazer os registros também, fazer os cumprimentos a Sr.<sup>a</sup> Clarisse, nossa presidente da Apub; ao professor Joviniano, nosso eterno presidente da Apub também; à professora Raquel, que é nossa diretora do Proifes que, neste ato, representa a federação à qual a Apub é filiada; a Laís, que hoje preside o Conselho Estadual de Juventude da Bahia, do que fiquei bastante satisfeito em saber.

Não posso também deixar de fazer o registro de alguns diretores da Ufba, pois não é somente a Reitoria que tem representação aqui. Está presente a professora Maiana Brito, que é diretora do campus da Ufba de Camaçari; o professor Martins, diretor do Instituto de Química; o professor Rodrigo, diretor da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia; o professor Tomé, nosso querido diretor da Faculdade de Economia da Ufba; a professora Hebe, que é ex-diretora – uma vez diretora, sempre diretora – da Escola de Teatro da Ufba, na pessoa de quem eu quero fazer o registro de todos os professores que estão aqui presentes e dizer que é um grande prazer estar aqui.

Sou filiado à Apub desde 2002. Eu entrei na Ufba em 2002 como professor substituto. Depois, em 2006, passei a ser professor efetivo e, desde 2002, sou filiado. Sou filiado com muito orgulho e entendo que é fundamental nós termos... Aqui faço o registro da professora Aladilce, que é professora também da nossa universidade, da Escola de Enfermagem, e sempre representou muito bem a nossa universidade no Legislativo Municipal. Sempre tive muito orgulho de ser filiado à Apub, porque é o que, no movimento sindical, se convencionou chamar de “sindicato cidadão”, ou seja, um sindicato que tem a pauta bastante combativa em defesa das questões salariais e das questões de carreira, mas tem uma pauta bem mais ampla, bem mais generosa. Ele surge justamente como sindicato, como associação em defesa da democracia, se fortalece na luta pela democracia, na luta pela redemocratização do país, ganha força na luta pela Constituinte em 1987-1988, ganha muito peso na luta pela universidade pública e gratuita quando consegue inscrever isso na nossa Constituição, participando talvez do maior processo de mobilização política da nossa história, que foi o processo da Constituinte.

Como Robinson falou, a Apub teve um papel destacado na luta contra o neoliberalismo, na luta da resistência, mais recentemente...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) no século XXI, na luta pela democracia, mas também não podemos deixar de fazer o registro da luta pela democracia interna. Desde 1984, a Ufba já conseguia fazer pelo menos algumas consultas informais, as quais, em 1987, começam a se tornar cada vez mais fortes. A Apub teve sempre um papel fundamental no sentido de liderar aquele processo das consultas informais e agora nós temos esperança de que sejam formalizadas através de um projeto de lei, que está terminando de tramitar no Congresso Nacional, para nos garantir eleição direta para reitor.

Então, é com grande satisfação que nós participamos desta sessão especial. Trago um abraço do nosso reitor, professor Paulo Miguez, que também é filiado à Apub e tem muito orgulho disso. Ele manda um abraço para todos vocês. Quero dizer que, com certeza, vamos ter pela frente muitos anos de luta em defesa da universidade, em defesa da democracia, em defesa da soberania nacional.

Vida longa à Apub. É um grande prazer estar aqui. Parabéns ao deputado Robinson por ter feito esta sessão especial.

Um grande abraço. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, reitor Penildon.  
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Convido agora a Sr.<sup>a</sup> Raquel Nery Gomes Lima, diretora do Fórum de Professores do Proifes. (Palmas)

**A Sr.<sup>a</sup> RAQUEL NERY GOMES LIMA:** Bom dia. Tenho uma cola aqui comigo (risos).

(Lê) “Eu quero expressar o quanto estou alegre e honrada por estar nesta Mesa e participar desta solenidade na Casa Legislativa de meu estado. Assim, ao saudar o deputado Robinson Almeida, proponente desta sessão especial, estendo os meus cumprimentos às demais autoridades presentes e representadas.

Eu quero também cumprimentar as colegas e os colegas do labor acadêmico e político da Ufba, Unilab, Ufob, UFRB, UFSB e Ifba que estão presentes nesta manhã de celebração ou nos ouvindo remotamente.

De modo especial, eu quero expressar as mais festivas homenagens às mulheres dirigentes sindicais. Contadas desde 1968, a Apub teve, até o dia de hoje, 26 diretorias. Destas, 11 diretorias foram encabeçadas por mulheres, isto é: 42% dessa história. De 2010 para cá, apenas mulheres presidem a Apub, com exceção feita a Emanuel, presidente na pandemia entre mim e Marta Lícia. Assim, 11 ciclos de gestão foram encabeçados por nove mulheres, sendo que Cláudia Miranda foi presidenta três vezes.

A Apub se destaca pela presença expressiva de mulheres no exercício político, seja na presidência, seja nas outras funções dirigentes igualmente importantes. Na atual diretoria, temos sete posições, das quais cinco são ocupadas por mulheres, mais as posições do Conselho de Representantes e do Conselho Fiscal.

De acordo com um documento de 2020 sobre a participação das mulheres no âmbito sindical, elaborado pela Comissão Interamericana de Mulheres da OEA, a partir de um enfoque de direitos humanos e com perspectiva de gênero, as taxas de filiação sindical de mulheres apresentaram, nas últimas décadas, crescimento contínuo e estável.

Mas esse crescimento não se refletiu em uma pauta que contempla as demandas delas, em seus desafios laborais ou nos processos de liderança e tomadas de decisão na política sindical. Esse dado vai encontrar no contexto sindical do magistério superior federal aspectos menos ostensivos. Em nosso caso, as remunerações e regras de progressão são as mesmas para homens e mulheres. E, por conseguinte, especificidades e desafios de mais difícil identificação e enfrentamento.

As trabalhadoras do magistério superior federal estão submetidas aos mesmos atravessamentos da condição de gênero: notadamente o trabalho não remunerado ou a economia do cuidado. Se é verdade que essa economia do cuidado repercute nas taxas de ocupação das mulheres em espaços destacados, como bolsas de produtividade, tempo decorrido entre o ingresso no magistério federal e a classe de professor titular, bem como outras posições que pressupõem acúmulo de capital simbólico, como em sociedades científicas, é possível postular que essas mesmas causas incidam sobre as possibilidades de ocuparem espaços de direção sindical.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

No que diz respeito aos direitos previdenciários, a Previdência Social brasileira ainda é caracterizada pela predominância masculina no mercado de trabalho formal em termos de quantidade e qualidade das posições e correspondente remuneração. Em nota técnica publicada por ocasião da PEC nº 06/2019, que veio a dar na Emenda Constitucional nº 103, o Dieese observa que, a despeito da modernização dos costumes e do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, verifica-se – sob qualquer perspectiva de análise – que as mulheres brasileiras continuam trabalhando em condições desfavoráveis, mais desfavoráveis do que as dos homens. Se levarmos em consideração as carreiras do magistério superior e do EBTT que são, absolutamente, as mesmas para homens e mulheres, a afirmação anterior parece enfraquecer, mas os dados sobre progressão das mulheres nessas carreiras, isto é, o tempo que levam até a classe titular e, portanto, o volume financeiro com que conseguem contribuir para a Previdência, o valor da remuneração no momento da aposentadoria – nós estamos falando das regras da terceira, quarta e quinta geração de aposentadas – indica que os efeitos das desigualdades persistem, mesmo quando as regras se aplicam aos gêneros de forma indiferenciada.

Falando também como diretora de Seguridade Social do Proifes, compreendemos haver ainda um longo trabalho a ser realizado que envolve manejo de dados, produção de conhecimento sobre o tema, a fim de contribuir para o desvelamento das desigualdades ocultas nas dinâmicas laborais do magistério superior e do EBTT...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) e suas repercussões no campo da seguridade social, da participação política e da vida acadêmica.

Como se tudo isso não bastasse, vimos com pesar – mas com redobrada disposição para a luta – o quanto em momentos de crise, os valores da justiça e da igualdade, tão caros à esquerda, são soterrados pela violência simbólica, misoginia e por recursos de silenciamento. Vaiais, insultos, desrespeito às regras de uso de tempo controlado por mulheres, gestos corporais ostensivos, como postar-se de costas durante a fala de mulheres e a própria interrupção de suas falas, formam o circo de horrores que marcou nossas assembleias em 2024.

Quero, portanto, reconhecer e agradecer à Clarisse Goulart, a Fernanda Almeida e Barbara Coelho pela coragem e perseverança com que conduziram a Apub nessa conjuntura em que a justeza da luta esteve refém do arдил e oportunismo dos que não hesitam em submeter os recursos institucionais de nossa democracia aos interesses sectários.

Por fim, eu quero destacar que a Apub – sindicato de base – decidiu em 2009 e reiterou em 2024 ser parte de uma federação de sindicatos independentes, o Proifes, ressaltando que o modelo sindical federativo é sempre um auspicioso indício de democracia, pois não pode subsistir sem o pluralismo político e o reconhecimento e acolhimento da diversidade da diferença.

Cuidemos de nossa democracia! Viva longa ao nosso sindicato! Apub independente, sempre!”

Obrigada! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Eu concedo agora a palavra ao nosso querido professor Joviniano Soares de Carvalho Neto, ex-presidente da Apub. (Palmas)

**O Sr. JOVINIANO SOARES DE CARVALHO NETO:** Saúdo a Mesa na figura de Robinson, de Olívia e de Clarisse. Eu estou falando em nome dos ex-presidentes, talvez por ser o mais antigo deles aqui presente. Eu sou também presidente do Grupo Tortura Nunca Mais. Se eu vou agradecer a Apub a iniciativa de Robinson, eu tenho de destacar que nós – do Grupo Tortura Nunca Mais – temos uma dívida grande com Robinson, porque foi quem propôs o projeto de lei que instituiu o Dia Estadual de Combate à Tortura. (Palmas)

Robinson e Olívia Santana, que também está na Mesa, têm sido fundamentais na luta pela memória, verdade e justiça, inclusive foram muito importantes na preparação da Marcha do Silêncio deste ano nos 60 anos do Golpe. (Palmas)

Agora, falando como ex-presidente da Apub, o que fui por três vezes, em períodos bem diferentes: 1983 a 1985; 2000 a 2002; e 2006 a 2008, além de ter sido várias outras vezes membro de direção, eu tive um problema.

No jornal lançado para defender a Apub como sindicato, independente de base, me perguntaram: “Qual o legado da sua gestão?” Eu estou há 40 anos participando de oito gestões em cargos diferentes. Qual é o legado? O legado do qual eu lembrei foi ajudar a construir os padrões de atuação que definem a Apub. Qual é o modo de atuar da Apub que a define? O primeiro já foi falado aqui: a defesa da democracia. A defesa da democracia no Brasil, na universidade e no movimento sindical.

A Apub participou da luta das Diretas Já, bem como da luta pela anistia e pela Constituinte. A Apub é suprapartidária, mas, em dois momentos da vida, tomou posição política a favor de um candidato: a favor de Tancredo Neves contra Maluf, que seria a continuação da ditadura; e a favor de Lula contra Bolsonaro (palmas), porque era a favor da democracia contra a barbárie.

Penildon já falou da democracia da universidade. Desde 1984, a Apub promove – foi na minha primeira gestão inclusive – as consultas para eleição de reitor, quando também se institucionalizou a eleição dos diretores por estudantes, professores e servidores técnico-administrativos, além da participação ampla de todos os professores votando pela eleição dos representantes dos professores nos conselhos superiores.

Parte da luta pela democracia foi a ampliação das cotas, da participação através das cotas.

No movimento sindical, a Apub é um sindicato *sui generis*. Vou dar dois exemplos: diferentemente do que acontece em muitos sindicatos, a Apub, nas eleições, encaminha para as casas de todos os professores o material das duas chapas ou das três chapas em igualdade de condições.

Existe também uma característica da Apub, os mandatos são curtos e com reeleição limitada. Isso é uma ideia da defesa da democracia. Na defesa da universidade pública, a Apub lutou sempre por mais verbas para a ampliação de instalações, para a ampliação da universidade e pela interiorização, o que faz com que, hoje, nós tenhamos a UFRB, primeiro, a jovem Unilab, e a Federal do Sul da Bahia.

Em termos de condições de trabalho, ele falou da greve de 100 dias em 1984, quando era o presidente, inclusive, que levou à vitória. Mas a Apub tem feito greves, mobilizações, pressões, diálogo com a sociedade para valorizar o trabalho do professor e defender sua carreira e o trabalho.

Outra coisa muito importante, a Apub é um espaço de reunião, de conagração de todos os professores. Vocês, na Apub... as pessoas na universidade podem ser professores da Faculdade de Direito, da Faculdade de Enfermagem – estou vendo Emanuel e Aladilce ali – ou da Politécnica, mas na Apub são todos professores de todas as universidades. O professor é professor da Ufba, é professor da Unilab, é professor da UFRB, mas a Apub é um espaço de cidadania universitária global, total.

Então, a construção dessa Apub ampla, democrática, independente, livre é o resultado do trabalho dessas 25 gestões a que Raquel se referiu aqui, inclusive a dela.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Mestre, eu vou chamar Joviniano assim, o Grupo Tortura Nunca Mais e a Apub não têm dívida alguma conosco, os parlamentares. A razão de nós estarmos no Parlamento são os compromissos que nós assumimos para representar o povo baiano. Então, para nós, é muito natural incorporar bandeiras e tomar iniciativas parlamentares para assegurar a democracia e assegurar os direitos humanos.

A tortura em nosso país é um capítulo triste que, infelizmente, não está extinto, não só da nossa memória como também do nosso presente. Então, referenciar aqueles e aquelas que foram vítimas desses crimes hediondos praticados dentro do aparelho do estado é uma forma de resistir, de vacinar e se proteger para que eles não se repitam para as atuais e para as futuras gerações.

Então, é nossa obrigação homenagear, e por isso que esta Casa aprovou, por iniciativa do nosso mandato, um dia de combate à tortura, que é uma referência ao dia de nascimento do nosso grande líder, Carlos Marighella. Ele foi escolhido por nós para ter essa data de referência. (Palmas)

Mas eu quero aqui, saudar, agradecer a presença e convidar para compor a nossa Mesa outra democrata de quatro costados, a deputada federal Lídice da Mata. (Palmas)

Concedo a palavra à secretária de Finanças da CUT-Bahia, Maria Cristina Brito.

**A Sr.<sup>a</sup> MARIA CRISTINA BRITO:** Bom dia a todos.

Quero iniciar saudando o deputado Robinson Almeida, proponente desta audiência, deste momento importante para um sindicato que é filiado à CUT - Central Única dos Trabalhadores e Trabalhadoras. Aqui conosco também estão alguns diretores da nossa entidade, tem a companheira Marise e o companheiro Jair, que também pertence à nossa direção.

Fiz minha pesquinha de última hora, porque a nossa presidente precisou viajar e eu estava em outra agenda da CUT. Eu vim para cá por entender que também é importante estar nessas agendas feitas pela Assembleia para reconhecer uma luta de mais de 50 anos de existência, que começou com uma associação e se transformou em sindicato após o ano de 1998. A importância desse sindicato está em fazer o trabalho que lhe é peculiar na educação, na formação; e também dizer que sem a educação não há democracia, sem educação não há transformação, sem educação não há profissionais de todas as áreas para estarem interagindo.

Como disse também o Penildon aqui, todo sindicato deve ser um sindicato cidadão, um sindicato que, para além das suas tarefas domésticas, que é de brigar por salário, melhorar a vida do trabalhador da sua categoria, também tem que estar à frente das lutas sociais para que a nossa soberania seja garantida, para que a nossa democracia seja restabelecida, como assim o fizemos. Diversos sindicatos aqui, de

diversas centrais aqui, a representação das companheiras do PCdoB, que são filiadas ao CTB, também o fizeram ao longo dessa história de muitas lutas.

E dizer que o que aconteceu, Robinson, com a Dilma foi um golpe, nós dissemos isso. Quando o Lula foi preso, as nossas camisas de informação da CUT tinham escrito atrás: “Lula livre, porque Lula é inocente”. E a gente lutou durante todo aquele período, para além daqueles que foram acampar, visitar, estar presente, demonstrando sua solidariedade. Em nível de Brasil, a gente fez as nossas campanhas dentro das nossas representações, porque a gente entende que o que aconteceu com o Lula foi a usurpação do seu direito de ser candidato. E a forma que encontraram foi tirá-lo do cenário político, prendendo-o, impossibilitando-o de fazer isso.

E por que é importante a gente ter universidades públicas? Porque, com a universidade pública, a palavra é livre, as pessoas são livres para se expressarem e não vão ficar fechadas em um modelo empresarial, neoliberal, fascista que impede as pessoas de terem suas próprias ideias.

Então, a gente vai se encontrar nas diversas universidades. E a Federal é para isso, as pessoas vão lá expor suas ideias. Elas vão discordar de várias coisas, é normal isso também, mas a gente tem que ter uma linha de horizonte. E a linha do horizonte é formar pessoas, trabalhar por pessoas e fazer com que essas pessoas sejam partes integrantes da sociedade, reconhecendo seu papel, seja profissional da educação, seja médico, sejam professores, sejam advogados, seja a profissão que cada um escolher.

Essa pessoa tem que saber que o olhar sobre a sociedade, sobre os recursos públicos é nossa responsabilidade. Vendo aqui a nossa deputada Lídice, que tem feito um trabalho imenso nesse projeto, nesse momento das eleições... O quanto é importante a gente pensar nas eleições municipais, na representação das eleições municipais, o quanto é importante a universidade estar empenhada também nesse papel de fazer as pessoas construírem um debate que seja programático, um debate que seja voltado para se ter a possibilidade de ter, como disse aqui antes, também muitas mulheres no poder. Nós precisamos de mais mulheres no poder porque é importante esse debate, porque a CUT também assim o fez anos atrás e criou a paridade, mas não é uma paridade só por ter paridade, é uma paridade para ter posicionamento, é uma paridade para ter reconhecimento.

Porque nós lutamos e quando vamos às ruas, podem todos vocês olharem, quando estamos nas ruas, certamente, das pessoas que estão na rua, levantando as bandeiras, criando os espaços do debate político, a maioria é mulher. Contamos também com o apoio de muitos homens que estão conosco também nessa luta. Mas devemos reconhecer que para essa paridade agora, do reconhecimento do salário igual para mulheres e homens, ainda há muito a ser feito e a gente não pode baixar nossas cabeças.

E a universidade é um espaço para a gente fazer as discussões de todos os temas. E eu conto com a Universidade Federal da Bahia, como conto também com todas as universidades do nosso estado. E que bom que temos um governo democrático, trazendo mais espaços de educação para o nosso estado, para o nosso Brasil. E que a gente tenha a certeza de que somente seremos livres, só seremos

independentes quando cada um e cada uma aqui tenha a oportunidade daquilo que está na nossa Constituição, o direito à educação.

Um abraço a todos. Feliz 56 anos da Apub! (Palmas)

Clarisse, e esse desafio que você enfrenta nesse momento, nessa sua missão de estar representando, seja também uma missão contada por todos nós que aqui estamos e que estão nos escutando em diversas formas da comunicação social. Um abraço.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Obrigado, Cristina. Quero aqui registrar, e agradecer, as presenças do Sr. Henrique Tomé, diretor do Instituto de Economia da Ufba; do Sr. Martins Dias, diretor do Instituto de Química da Ufba; do Sr. Orlando Pereira, diretor da CUT e Sindae-Bahia; da Sr.<sup>a</sup> Ana Georgina, diretora do Dieese; da Sr.<sup>a</sup> Marise Carvalho, professora da Ufba e candidata a vereadora de Salvador; do Sr. Moisés Mendes, diretor do DCE da Ufba; da Sr.<sup>a</sup> Maiana Matos, diretora do campus da Ufba em Camaçari; da Sr.<sup>a</sup> Aladilce Souza, candidata a vereadora de Salvador; do Sr. Marcos Santos, representante do Consup-Ifba; do Sr. Ubiratan Félix, diretor do Sindicato dos Engenheiros da Bahia e conselheiro do CREA-Bahia; da Sr.<sup>a</sup> Denise Santana, coordenadora nacional do Conen, das Entidades Negras, professora; e também do seu companheiro de entidade, o Sr. Gilberto Leal.

Concedo a palavra, agora, à presidente do Conselho Estadual de Juventude da Bahia, Laís Santana.

**A Sr.<sup>a</sup> LAÍS SANTANA:** Bom dia a todos, todas e “todes”. Me chamo Laís Santana, estou presidenta do Conselho Estadual de Juventude. Início essa fala saudando essa Mesa na pessoa da querida amiga, e companheira de luta também, Clarisse Paradis, que cumpre essa tarefa árdua que é carregar, juntamente com essa diretoria, esse sindicato tão importante.

Mas não poderia deixar de saudar também, nessa Mesa, a Sr.<sup>a</sup> Mírian, diretora do Campus dos Malês. Inclusive, também temos cruzado os nossos caminhos em muitas oportunidades. Graças a esse trabalho importante e expressivo junto à juventude, e à juventude negra, que a gente pode fazer esse recorte aqui; gostaria também de saudar o Sr. Gilson, do Conen, porque movimentos sociais são tão importantes, enquanto sociedade civil, para construir caminhos que consigam diminuir as disparidades das desigualdades, que consigam construir novos espaços de escuta e também de fala e de protagonismo para a nossa sociedade.

Gostaria de saudar também, com muito carinho, o professor Penildon, que é vice-reitor da Ufba, que, com muita alegria, recebeu o Coletivo Resistência Preta, do qual eu também sou coordenadora. É um coletivo parceiro da Apub desde a gestão do querido Emanuel Balalaika, se assim posso dizer, que, com muita honra, nos levou, nos abriu o caminho dentro da Apub.

Desde então, nós somos muito acolhidos, as nossas pautas são levadas em consideração sempre com muita, muita graça, com muito carinho e respeito, entendendo que, dentro das periferias da cidade de Salvador, nós temos e

desenvolvemos um trabalho que só poderá causar reflexo, impacto, só poderá ser revolucionário se estivermos juntos, juntas e “juntas”, com pensamentos ideológicos que queiram, de fato, transformar essa sociedade numa sociedade justa, acabar e exterminar com o racismo de todo modo e, assim, construir novas possibilidades para que novas juventudes possam ocupar espaços como esse, porque são espaços que empoderam, são espaços que, de certo modo, trazem também as nossas demandas, demandas das pessoas que vivem e que vivenciam o que é cotidianamente comum dentro da nossa sociedade, mas que precisa, sim, ser denunciado, ser exterminado, ser, inclusive, centro – e a gente traz no nosso mote, enquanto Coletivo Resistência Preta, que é a periferia central –, porque a periferia precisa ser centro dos debates e sair desse lugar de à margem dessa sociedade.

Eu ouvi aqui falas que antecederam à minha que trazem muita história desses 56 anos da Apub-Sindicato. Mas nesses 3 anos essa relação tão embrionária já trouxe um saldo muito positivo para nós. E eu sei que eu estou presidente do Conselho Estadual de Juventude, mas carrego...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) comigo também muitas identidades e uma delas é essa identidade do Coletivo Resistência Preta, de ser ativista. É o que eu digo sempre em todos os espaços, é o que eu sei ser, é o que eu sei fazer e faço com muito amor, com muito carinho, porque eu entendo que, quando a gente está nesses espaços, a gente constrói e solidifica soluções e saídas para que as novas gerações possam desfrutar da sociedade, que ainda é utópica, mas que é possível, porque quando juntas somamos forças e a gente consegue ir muito mais longe. Então, eu gostaria de agradecer também ao deputado Robinson pelo convite, por esta sessão especial de suma importância para as construções.

Gostaria de saudar a queridíssima deputada Lucinha do MST, grande amiga de luta, grande irmã, que compreende, através do MST, no campo, na cidade e em todas as esferas, a união de classe, pois ela é a única saída eficaz para a gente conseguir alcançar os nossos objetivos.

Com isso, eu gostaria, também, de fazer uma saudação especial a todos os professores e professoras, ao Campus dos Malês, que é uma entidade também muito importante.

Só rememoro uma parceria muito recente que foi o Projeto Circulô, que é um movimento de juventude...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) criado pela juventude do Coletivo Resistência Preta com o intuito de levarmos as juventudes das periferias para dentro das universidades, a fim de criar um interesse, despertar o interesse de disputa. Digo isso porque a gente compreende que as universidades empoderam, elas formam, inclusive, pessoas que, futuramente, ocuparão espaços de poder. Foi muito incrível ter tido o acolhimento e a abertura tanto da Apub quanto do reitor e da Reitoria da Ufba.

Gostaria também de dizer que hoje nós conseguimos construir uma Ufba com 70% da população negra e periférica. A intenção é a de que tenhamos de abrir novos

espaços e novos campus para que essas universidades públicas sejam ocupadas, majoritariamente, senão por uma totalidade, eu digo, assim, com muita ousadia, por pessoas negras. Vejam, a gente está falando de reparação histórica, a gente está falando também de construir caminhos efetivos para que, em um futuro, espero, muito próximo, a gente possa alcançar justiça social.

Saúdo também Alan, querido. Quando a gente fala sobre movimento social, a gente encontra Alan...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) Silas, outras pessoas, outras instituições e entidades como Conen (Coordenação Nacional de Entidades Negras) e MNU (Movimento Negro Unificado) que pavimentam os caminhos de luta para que a gente consiga, hoje, alcançar esses espaços.

Agradeço a oportunidade de falar.

Desejo um excelente dia a esta Mesa também.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, Laís.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Agora, eu concedo a palavra à Sr.<sup>a</sup> Rosângela Santana, coordenadora de Políticas Sociais e Antirracistas, da Assufba. (Palmas)

**A Sr.<sup>a</sup> ROSÂNGELA SANTANA:** Bom dia a todas e todos!

Estou representando o Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos da Universidade Federal da Bahia.

Quero agradecer o convite do nosso deputado Robinson Almeida, o qual nos trouxe uma trajetória histórica, pois, diante do seu discurso, eu fiquei até a imaginar e a pensar o que eu poderia trazer de novo, porque já foi trazido tudo. Não é?

Mas, para não perder esta oportunidade, eu quero justificar, também, o motivo de eu estar aqui, pois o meu coordenador está em tratamento de saúde. Então, como eu estou, neste momento, representando a pasta de Políticas Sociais, ele me passou o convite. Estou aqui muito feliz e muito lisonjeada em fazer parte desta Mesa, onde temos a nossa representação baiana de excelência.

Então, neste momento, eu quero, com muita satisfação, dizer que a ALBA é uma casa, realmente. Eu estou vindo pela primeira vez. Nunca tinha vindo antes. E este é um momento de abertura para a sociedade se manifestar desde que foi através dos movimentos sociais que nós conseguimos este espaço. Antes, nunca foi proposto estar no púlpito uma pessoa assim como eu, Rosângela, negra, de periferia, com direito à fala. Muito pelo contrário, as nossas falas, muitas vezes, foram silenciadas. Então, este é um momento muito ímpar.

A gente vê realmente que só através da universidade, de pessoas e de sindicatos como o meu e como a Apub para promover esta mudança, e de me encontrar com pessoas amigas, como Aladilce, com quem estarei mais tarde, na inauguração do seu comitê, às 18 horas. Convido todos.

Quero parabenizar também o meu amigo Emanuel, pois, por muitas vezes, a gente esteve junto. Ele me motivou a pegar este microfone. Isso pode parecer até uma coisa simples para quem faz isso desde sempre, quem já nasce nesse berço, mas, para a gente que agora está tendo o direito e a vez – hoje, ocupamos a universidade em 70% –, é muito difícil quebrar esse paradigma e furar essa bolha.

Por isso, muitas vezes, eu trouxe até o que dizer, mas, de repente, vou mudando porque, na hora da emoção, uma emoção pela qual a gente é tomada, ao ouvir a cantora Matilde, essa excelência em voz, com essa voz mansa que nos dá tranquilidade em ouvir, que a gente tem de estar atenta para não dormir no embalo da sua voz. Parabéns! Então, tudo isso me motivou a estar aqui.

Hoje, na comemoração dos 56 anos da Apub, quero dizer que, neste aniversário, a gente tem realmente de refletir sobre esse importante trabalho dos docentes, porque é através dele que a gente vai ter condição de mudar, de fato, esta sociedade. Mas, para isso acontecer, eles precisam estar bem remunerados, eles precisam estar aquecidos, no sentido de ter estrutura, estrutura essa que, muitas vezes, é negada. Nossa educação foi negada por muitos e muitos anos. E, hoje, a gente está neste mar ainda, porque não era para estar, de violências contra a educação, como nós vivemos, recentemente.

Então, a Apub está de parabéns porque sempre lutou à frente.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Quando eu ouço esse apito assim, parece que encerrou a conversa, não é? E, aí, quebra um pouco o nosso raciocínio.

Enfim, a Apub está firme com os seus professores e os docentes para transformar a sociedade de fato, fazendo com que nós, enquanto cidadãos críticos, tenhamos uma efetiva mudança de oportunidades, a qual nós estamos tendo. Mas isso ainda é pouco. Nós precisamos fazer a reparação em um maior número.

Para isso, eu conclamo vocês que estão aqui, neste momento, que pararam suas vidas, para que a gente se veja no corpo do outro, na voz do outro. Sugiro que, ao invés de apontar, a gente dê a mão, puxe e incentive.

Então, dessa forma, eu quero dar os parabéns à Apub, mais uma vez.

Gostaria de dizer que, nesses anos de luta e resistência, a gente possa ainda continuar sempre junto nesta luta a favor dos esquecidos, vamos assim dizer.

Foram abertas muitas vagas. A universidade cresceu, mas, na verdade, cresceu em número, e não cresceu ainda em estrutura e oportunidade. Digo isso porque não basta só trazer as pessoas para cá, mas dar possibilidade de continuação.

É isso.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, Rosângela.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Quero registrar e ao mesmo tempo agradecer a presença da deputada estadual Lucinha do MST. (Palmas)

Para falar, eu convido o Sr. Herbert Coelho Rodrigues, diretor de Políticas Educacionais da UEB (União dos Estudantes da Bahia) e estudante de BI em Artes, da Ufba.

**O Sr. HERBERT COELHO RODRIGUES:** Bom dia, bom dia a todos, bom dia a todas e “todes”.

Gostaria de iniciar saudando a Mesa nas pessoas do nosso deputado estadual Robinson Almeida e da nossa ilustre presidenta Clarissa.

(Lê) “É com grande alegria que represento a União dos Estudantes da Bahia e os estudantes da Ufba neste evento que marca os 56 anos de luta e resistência do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (Apub). Esse sindicato, ao longo da sua trajetória, tem se mostrado incansável na defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, sempre atuando com firmeza na proteção dos direitos dos professores e na garantia de um ambiente universitário comprometido com a formação crítica e emancipadora dos estudantes.

Recentemente, concluímos a gestão ‘Esperançar’ do DCE da Ufba, da qual tenho o orgulho de ter feito parte. Foi uma gestão que marcou um período de grandes desafios e conquistas. Foi o momento de retomada da universidade após o período mais crítico da pandemia, quando enfrentamos o sucateamento contínuo da educação pública, o avanço do fascismo dentro dos espaços acadêmicos.

E nós nos mobilizamos para derrotar o governo Bolsonaro, cujas políticas representavam uma ameaça direta à nossa universidade e à educação como um todo. Foram 2 anos intensos de muita luta e resistência.

E é com imensa satisfação que reconhecemos o apoio contínuo da Apub durante todo esse tempo. A Apub não apenas apoiou as nossas atividades, mas também se colocou como uma parceira estratégica. Muitas vezes, ela forneceu a estrutura necessária para podermos realizar os nossos eventos e ações e, o mais importante, sempre esteve disponível para nos ouvir e dialogar sobre as nossas demandas.

Essa proximidade e essa colaboração entre o sindicato dos professores e o movimento estudantil são fundamentais, pois fortalecem a nossa luta conjunta por uma universidade pública realmente inclusiva e acessível para todas e todos.

Um exemplo concreto dessa parceria foi quando a Apub abriu as portas de sua sede em São Lázaro para que nós, do DCE, pudéssemos, mesmo durante a madrugada, concluir o processo de formação de chapa para as eleições do DCE. Este gesto, aparentemente simples, na verdade, representa o profundo compromisso da Apub com o movimento estudantil e a democracia dentro da universidade. Agradecemos imensamente por esse apoio, pois o mesmo foi crucial em um momento tão decisivo para nós.

Gostaria também de aproveitar este momento para parabenizar a nova gestão eleita, a chapa ‘Viração’, eleita ontem. Ressalto Moisés, o nosso companheiro do Movimento Quilombo. Os companheiros estarão à frente da representação dos estudantes da Ufba no próximo período.

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

Tenho plena confiança de que eles continuarão a luta que deixamos com o mesmo vigor e determinação, e de que a parceria com a Apub seguirá fortalecida.

A Apub sempre esteve na linha de frente das batalhas mais importantes pela educação e pela defesa dos direitos da categoria, não apenas na Ufba, mas em todo o Brasil. Sua atuação firme na luta pela recomposição orçamentária, contra o bolsonarismo e o fascismo, e na defesa das políticas públicas de educação em nosso país, evidencia o seu profundo comprometimento com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, é fundamental reconhecer o papel crucial que a Apub desempenhou na última greve da categoria. A condução responsável e combativa dessa greve demonstrou o comprometimento do sindicato não apenas com as demandas dos professores, mas também com as necessidades dos estudantes e dos técnicos administrativos. A Apub tem se mostrado uma força indispensável na reconstrução das políticas educacionais e na reestruturação das nossas universidades, em um contexto de grandes desafios para a educação pública no Brasil.

Por tudo isso, agradeço imensamente à Apub e a todos os seus membros pelo trabalho incansável em defesa da nossa universidade e dos nossos direitos.

Que possamos seguir juntos nesta caminhada, fortalecendo, cada vez mais, a luta por uma educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.”

É na luta que a gente se encontra por uma universidade cada vez mais ampla e mais democrática.

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, Herbert.  
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Ouviremos, agora, a Sr.<sup>a</sup> Tânia Benevides, assessora de Articulação de Ensino Superior da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, neste ato, representando o governo da Bahia.

**A Sr.<sup>a</sup> TÂNIA MOURA BENEVIDES:** Bom dia a todas as pessoas que estão presentes a este ato.

Eu queria saudar a Mesa na pessoa do deputado Robinson Almeida.

Gostaria de dizer da importância deste evento.

Eu, como professora universitária, representando a área de Assessoria da Articulação da Educação Superior e a Educação Básica, na Secretaria de Educação, reconheço, neste ato, a importância da defesa do movimento sindical para fazer a diferença, não só na vida dos professores, mas principalmente na transformação do território, e, nesse caso, dos diferentes territórios do estado da Bahia, principalmente, com a transformação da universidade, fazendo a interiorização dela na transformação da vida das pessoas.

Então, eu saúdo a Mesa e saúdo as pessoas presentes.

Gostaria de deixar o reconhecimento do governo do estado da Bahia e, em especial, da secretária Rowenna em relação a este evento.

Também, quero parabenizar o deputado Robinson por este momento.

Muito obrigada a todos e a todas.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, professora Tânia.  
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Ouviremos, agora, a deputada federal Lídice da Mata. (Palmas)

**A Sr.<sup>a</sup> LÍDICE DA MATA:** Olá, pessoal! Bom dia!

Eu tinha pedido a nominata, aqui. Mas, como vi, vou me dispensar dela um pouco para dizer da alegria e do prazer que tenho em estar, hoje, com vocês marcando a comemoração dos 56 anos da Apub.

Saúdo o presidente da Mesa e proponente desta sessão especial, o combativo deputado Robinson Almeida; o Sr. Penildon, professor e reitor em exercício da Universidade Federal da Bahia; e a nossa Clarisse, presidenta em exercício da Apub Sindicato.

Nas pessoas de todos os outros, peço licença a todos os outros representantes das entidades para saudar este homem que eu acho que traduz um pouco da história da Apub, na Universidade Federal da Bahia, que é Joviniano Neto. (Palmas)

Saúdo, por último, a minha querida representante da Unilab que tem uma luta na qual me associo, que é a transformação da Unilab numa universidade independente e internacional. Estamos juntas nessa, Mírian. (Palmas)

Mas gostaria de dizer a vocês que, desses 56 anos, eu sou contemporânea de muitas das lutas que a Apub travou. Entrei na universidade em 1976. Portanto, quanto a uma boa parte de toda a luta da Apub, ou eu acompanhei, ou eu partilhei, ou estive presente nela.

Uma delas, inclusive, talvez, na primeira greve de professores desse período de ditadura militar, ao final da ditadura, foi a greve de 1981. Não é mesmo, Jovi? Havia a direção de Olival naquela greve. Eu sei que ela teve uma importância tão grande na universidade, porque eu era presidente do DCE. Nós tivemos de estender o mandato do DCE para chegar até o fim do ano já que as nossas eleições eram em outubro.

Mas essa luta da universidade que a Apub representa que são os professores das universidades públicas, da Universidade Federal da Bahia, nesse caso que é a iniciante de todo o processo das universidades federais no nosso estado, ela tem uma característica essencial.

Vejo aqui, Lucinha do MST, querida amiga que, agora, assume o mandato de deputada estadual para a nossa grande alegria.

Ela tem uma característica, porque a universidade é o espaço, em certa medida, da elite da sociedade, da elite intelectual, dos filhos daqueles que podiam pagar para que os seus filhos pudessem estar na universidade.

No meu tempo, eu era uma daquelas que vinha do interior para tentar estudar na universidade. Assim, eu e Aladilce viemos, àquela época, de Alagoinhas. E aqui ficávamos na sua maioria. Desses, 70% ficavam aqui e uns 30% voltavam para as suas regiões.

Quanto a essa luta, apesar de nós estarmos nesse período em que eu estava na universidade, Gilberto, em plena ditadura militar, no Brasil inteiro, são essas pessoas,

esse segmento que está na universidade expressando esse desejo por liberdade de toda a sociedade brasileira contida e que vem aqui na universidade os filhos da classe média brasileira contida e que os filhos da classe média brasileira vêm à universidade buscar um espaço de expressão livre. Essa expressão livre nos leva à reorganização das entidades estudantis e nos leva à organização nas universidades dos espaços de representação dos professores e funcionários das universidades.

Esse espaço foi, acima de tudo, um espaço de resistência política, de pensar a universidade por lado escolhido por todos os que viviam àquele momento, que era de não ser uma universidade de elite para elite, mas, sim, uma universidade que sobrevive dos impostos pagos pelo povo. Foi a escolha de um caminho de ser a universidade para todos e uma universidade que abre suas portas para aqueles que mais precisam.

Não foi um caminho fácil. É um caminho difícil. É um caminho tortuoso. É um caminho que exige um debate cada vez mais profundo sobre o Orçamento do Estado brasileiro, sobre as decisões do Estado brasileiro. A luta da Apub, nesse período todo, é marcada por uma coerência, uma coerência com a democracia, com a luta pela democracia na *interna corporis* da universidade e, especialmente, na sociedade.

Eu me lembro dos primeiros movimentos dos professores da Apub, aqui na Universidade Federal da Bahia, em que nós saíamos, nós, os estudantes, íamos apoiar essas manifestações, Robinson, para ocupar a Praça da Piedade ou o Largo do Campo Grande para explicar à sociedade, à população, ao povo baiano qual era a importância da universidade, o que fazia a universidade, quais contribuições ela podia dar à sociedade, porque era muito distante a relação entre universidade e povo.

Há um processo que hoje é registrado pela política de cotas nas universidades, pela mudança do perfil dos estudantes das universidades brasileiras. Isso mostra a vitória dessa luta, em que os professores, através da Apub aqui na Bahia, de outras universidades, de sindicatos e de associações que se expressaram, levaram adiante e foram vanguarda, sem dúvida nenhuma, com os movimentos estudantis, nesse novo projeto de universidade que nós temos hoje no Brasil.

Nós tivemos como expressão política dessa luta os enfrentamentos para a conquista da democracia no Brasil, a universidade com seus professores participou ativamente da luta contra a ditadura. Tivemos diversos estudantes e professores cassados, presos e até mortos. Assim como a reconquista democrática, o caminho dentro da universidade por essa reconquista democrática, o debate por anistia, o debate pela Constituinte livre e soberana, pela reorganização do Estado brasileiro, teve sempre a presença da força dos professores universitários organizados e também dos estudantes.

Com a conquista da democracia e principalmente após a conquista de governos que representam, que estão mais próximos de uma discussão de uma sociedade democrática e popular, pois nós começamos a eleger governos aliados ou que expressam esse desejo – como é o governo do presidente Lula, que, em seu primeiro governo, criou novas universidades federais, inclusive, aqui na Bahia, todas as que temos hoje, juntamente com a presidente Dilma –, nesse período, é claro que a luta

assume um novo componente e o debate político ideológico se coloca num novo patamar, as contradições também ocorrem de formas diferentes.

Ainda assim, na minha concepção, a Apub se manteve na direção de unir o movimento dos professores em defesa das suas reivindicações próprias, como foi a última greve, na contestação da falta de recursos e de reajustes agora em 2024, mas reconhecendo o reajuste indispensável que foi dado pelo governo do presidente Lula em 2023, com um processo de debate e de diálogo, tendo a clareza de que não basta constituir nem conquistar um governo democrático para que todas as reivindicações das nossas categorias de trabalhadores, de professores universitários e de projetos de universidade estejam atendidas.

Conseguir isso numa sociedade e especialmente num ambiente universitário é muito difícil. Manter a direção de um movimento num caminho correto de luta e de conquistas, Diu, você sabe, como todos sabemos, é um processo de debate ideológico muito grande. Muitos começam a ficar contra; outros, a favor, mas o importante é levar os professores das universidades a uma luta correta, justa, radical, em torno dos seus interesses, mas não nos perdendo no radicalismo sem causa, tendo em vista quem são os aliados e quem são aqueles inimigos de classe que precisam ser enfrentados no dia a dia. (Palmas)

Eu participei da reunião da Comissão de Educação, a qual eu coordeno, e vi a nossa Bancada do Governo, os nossos deputados da esquerda defendendo a luta das universidades, a greve dos professores, a greve dos funcionários. Não se deixaram seduzir pelo canto de sereia do bolsonarismo oportunista da extrema-direita que acorre a esses movimentos para jogar ideias e discursos pseudorradicais, na tentativa de buscar alguma identidade com a nossa luta, mas, no final, no início e no meio, ele a rejeitam completamente.

Alguns de nós pensam, ou pensavam, que a ideia da extrema-direita ou do fascismo era uma coisa afastada da realidade, mas o capitalismo e o neoliberalismo têm uma profunda ligação com o fascismo. Não foi à toa que surgiu esse movimento antes da Segunda Guerra Mundial e a teve como decorrência.

Os capitalistas mais ricos que comandavam a política econômica da Alemanha defendiam e apoiavam o fascismo naquele país, assim como em diversos outros países, assim como aqui no Brasil. Nós vimos a adesão dos grandes conglomerados comerciais, ou mesmo alguns financeiros, ao governo de Bolsonaro, ainda que alguns deles fechassem o nariz ou virassem a cara e fizessem muxoxo para aquele presidente. Eles o reconheciam como uma pessoa absolutamente incapaz de dirigir o país, mas atendia aos seus interesses de classe e, por isso, o mantiveram.

Se nós não estivermos muito atentos na luta política e fortalecendo as nossas organizações e as nossas consciências, a qualquer momento eles se reorganizam e podem voltar. Neste momento no mundo, o capitalismo se organiza, não apenas em grandes conglomerados, mas também começa a se personificar. Nós vimos esse Elon Musk, que se apresenta como detentor de tanto poder econômico que é capaz e se sente no direito de intervir na vida política dos países. Ele ainda afirma: “Vamos apoiar quantos golpes queiramos nos países que nos interessar.”

Então, mais do que nunca, é hora de construir a unidade dos professores, dos estudantes, dos quilombolas, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, dos movimentos populares do país inteiro para dizer não a esse tipo de tendência, para isolar a extrema-direita em nosso país.

É hora de tentar unir a esquerda brasileira (palmas) num caminho não de adesão ou de submissão ao governo do presidente Lula, mas de apoio aos seus principais projetos e propostas para que a luta do povo brasileiro, dos professores das universidades, dos estudantes e da sociedade brasileira rumo a uma sociedade menos cruel, como a que temos no Brasil, que possa combater o racismo, que possa combater a homofobia, que possa combater o sexismo e a misoginia e possa fazer a nossa sociedade menos perversa, mais solidária, mais fraterna com o nosso povo, mais acolhedora, mais humanista e capaz de construir um país do futuro!

Muito obrigada.

Viva a Apub! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): E viva a Lídice da Mata!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Vamos fechar aqui as nossas falas, e como não poderia ser diferente, será com a presidenta da Apub, Clarisse Paradis.

Enquanto a professora vai ao púlpito, eu registro e agradeço as presenças do Sr. Gilmar Santiago, candidato a vereador da cidade de Salvador e ex-vereador; e da Sr.<sup>a</sup> Ivone Souza, diretora do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz. (Palmas)

(Intervenção fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Faço um ajuste no protocolo da cerimônia, mas será rapidinho. Tem mais duas pessoas que vão fazer saudações rápidas antes da professora Clarisse. (Silêncio)

Muito obrigado.

Então vamos ouvir agora a Sr.<sup>a</sup> Mírian Reis, diretora do Campus dos Malês da Unilab. (Palmas)

**A Sr.<sup>a</sup> MÍRIAN SUMICA CARNEIRO REIS:** Bom dia a todas as pessoas. É uma responsabilidade grande falar depois da deputada Lídice. A senhora com certeza contempla muito da nossa luta, da nossa causa, e é muito bom tê-la sempre como aliada das universidades baianas.

Quero saudar todas as pessoas aqui presentes e parabenizar o deputado Robinson pela iniciativa desta sessão solene. Quero saudar a Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis, minha presidenta da Apub Sindicato, minha amiga, também colega de universidade.

Quero também fazer uma saudação a Sr.<sup>a</sup> Marta Lícia, professora, que certamente estaria aqui, se fosse possível. Ela tem sido uma liderança importante. Acho que a gente precisa falar aqui o nome de Marta Lícia como presidenta do Apub Sindicato e do trabalho que ela faz mesmo nos bastidores. Ela devia estar quietinha,

mas não fica. Então, um cheiro Martinha, onde você estiver assistindo a gente. (Palmas)

Quero saudar a deputada Olívia. Ela já se retirou, mas é importante registrar como é bom ter a presidenta da Comissão de Educação da ALBA participando de momentos como estes; a deputada Lídice eu já saudei; também quero saudar algumas presenças nesta plenária, o Sr. Gilberto, a Sr.<sup>a</sup> Edenice, professora, e tantas outras pessoas que representam essa aliança entre universidade e movimentos sociais. Uma trajetória histórica que a Apub vem desenvolvendo; Jovi, está aqui, acho que é nossa grande referência nessa luta histórica da Apub.

Quero saudar também as juventudes, através da Sr.<sup>a</sup> Laís. Lai, querida, presidenta do Conselho Estadual de Juventude, que arrasa sempre. Isso mostra a aliança entre os tempos, numa luta constante por democracia, por direitos, que a Apub tem se colocado como pioneira.

O deputado Robinson falou muito bem aqui dessa trajetória da Apub e de como foi preciso um presidente sem diploma para criar novas universidades. A gente precisa sempre destacar isso. Este país esteve de costas para a educação pública por muito tempo, foi preciso que esse presidente fosse eleito e que retornasse para retomar os rumos democráticos, inclusive, a partir da defesa da educação.

Então, a gente precisa destacar a importância do Reuni. Eu falo isso, porque o Campus dos Malês e a Unilab são frutos dessa história, dessa luta histórica por novas universidades, por ampliação do acesso, por democratização do acesso, mas também de uma luta que nós temos encampado junto com todas as universidades públicas e institutos para que a gente garanta a permanência da juventude dentro das universidades.

Lutamos pela lei de cotas. Lutamos para que o perfil do estudante universitário se parecesse um pouco mais com a realidade socioeconômica e racial do povo brasileiro, mas precisamos estar firmes na luta pela permanência da juventude na universidade. Acho que a Apub, quando se aproxima do movimento estudantil e de outros movimentos sociais, também dá régua e compasso de como podemos fazer essa luta, que sempre tem de ser coletiva.

Se não fosse esse sindicato, seria muito mais difícil resistir desde o período que nos acometeu a partir do golpe contra a presidenta Dilma. Vimos um movimento, um projeto estruturado de sucateamento da educação, de obscurantismo, de negacionismo, vidas foram perdidas durante a pandemia por ódio à ciência, os amores de alguém morreram durante a pandemia por ódio à ciência.

Nós estivemos...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) firmes na luta pela universidade pública como produtora de ciência e como promotora de cidadania e a Apub fez esse trabalho.

A deputada Lídice falou da necessidade de levar a universidade para a praça e é preciso destacar, por exemplo, que nós fizemos isso em 2022. O Universidade na Praça, no Campo da Pólvora, foi um movimento importantíssimo de reaproximação da universidade com a sociedade, no momento em que a máquina do estado dizia que

nós éramos inimigos. Nós nunca fomos inimigos da sociedade, nós somos promotores de cidadania e a Apub tem se mantido – como foi muito bem-dito aqui – coerente nessa luta desde a ditadura militar até a luta contra o desgoverno Bolsonaro e a retomada democrática, que na Bahia teve muita expressividade.

Sabemos do papel da Bahia na eleição do presidente Lula e na retomada de um governo progressista. Se não fosse um governo progressista, não poderíamos anunciar as alianças que nos fortaleceram e que agora dão resultados.

Então, eu preciso dizer que o Campus dos Malês ficou 5 anos com uma obra paralisada e agora se prevê a inauguração de sua obra já em janeiro do próximo ano. Isso é fruto da luta coletiva e do apoio deste sindicato. (Palmas)

É preciso dizer que quiseram nos silenciar por sermos um campus que não negociou com o fascismo. O Campus dos Malês não negociou com o desgoverno inimigo da educação e nós fomos muito retaliados por isso, tendo na Apub, nos movimentos negros, nos movimentos sociais, o apoio para que continuássemos resistindo.

Nunca me esqueço, Jailson, que, na única vez em que fomos ao MEC naquele governo – naquilo que aconteceu há pouco tempo –, nos propuseram um plano de trabalho para terminar uma obra 80% executada em 4 anos. É uma afronta! Uma obra que naquela ocasião custava quase R\$ 5 milhões, menos de R\$ 5 milhões. O Estado brasileiro não tinha R\$ 5 milhões para terminar uma obra 80% executada? Mandar uma gestora fazer um plano de 4 anos para terminar? Isso é só mais um dos muitos exemplos do descompromisso e do ódio à educação. Foi a Apub que esteve conosco em Brasília. Quantas vezes bati na sua porta, pedindo apoio, passando a cuia, passando o pires, não foi deputada Lídice? Acho que Penildon e os outros gestores das outras universidades também fazem muito esse movimento. E que bom que temos um sindicato aliado, que bom que temos um sindicato aliado da juventude, que bom que eu posso anunciar uma notícia fresquinha, a qual eu nem falei ainda para os colegas...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) Eu já estou terminando com essa boa notícia, porque realmente acabamos de receber esta informação: “A Comissão de Acompanhamento e Monitoramento de Escolas Médicas aprovou a abertura do curso de Medicina da Unilab no Campus dos Malês.” (Palmas)

Eu recebi essa notícia fresquinha e estou compartilhando em primeira mão. Isso é fruto dessa luta coletiva, dos professores e das professoras, dos técnicos e das técnicas, dos terceirizados, dos estudantes, da comunidade de São Francisco do Conde, do Recôncavo, dessa união que nós conseguimos fazer na Bahia em torno da educação pública. Na Bahia, fascista não se cria, vamos combinar (risos). Vamos combinar que esse é um lema que diz muito de quem somos.

Então, vamos ter sim, gente, meninos negros e meninas negras do Brasil e do continente africano de jaleco branco em 2026 e os fascistas vão ter de engolir essa novidade, porque ela é fruto da nossa luta.

Eu termino a minha saudação com um ditado africano que diz o seguinte: “Se você quer chegar rápido, vá sozinho; mas se você quer ir longe, vá acompanhado.”

Essa companhia, essa aliança é a marca desses 56 anos da Apub, o que precisamos registrar e reconhecer aqui.

Então, viva a essa democracia vigilante em que nos encontramos, porque ela não está ganha, ela nunca está, ela está sempre em disputa. Viva a essa democracia vigilante que exercitamos cotidianamente na aliança do que nos une, do que nos move, que é essa crença na educação como instrumento transformador da sociedade.

Viva à Apub, viva à democracia, viva a nós. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Viva a Mírian.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Convido o professor Geraldo Sampaio Costa que, neste ato, representa a magnífica reitora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, a professora Georgina Gonçalves.

**O Sr. GERALDO SAMPAIO COSTA:** Bom dia a todos e a todas. Eu queria saudar a Mesa na pessoa do Ex.<sup>mo</sup> Deputado Robinson Almeida e saudar o Plenário na pessoa da minha amiga Fernanda Almeida, que é a nova liderança sindical na renovação das lutas. (Palmas)

Eu estou aqui – como disse o deputado – representando a magnífica reitora Georgina que tinha um compromisso de viagem hoje e, com muito orgulho, represento também a UFRB. Eu não poderia deixar de dizer aquele velho chavão que eu vou tentar ser o mais rápido possível.

Robinson, você comentou sobre a criação das universidades na Bahia e eu não posso deixar de fazer a crítica à elite brasileira que cria a segunda e meia universidade na Bahia depois de 65 anos. Isso é um obscurantismo. Eu estou dizendo uma e meia porque a de São Francisco foi “biestadual”, mas a Universidade Federal do Recôncavo é realmente a primeira universidade criada no interior, sendo hoje a maior autarquia federal do interior da Bahia. Não posso deixar de comentar também que eu derrubo qualquer argumento dos críticos algozes da UFRB, perguntando: “Onde estariam os nossos quase 13 mil estudantes que estão na UFRB hoje espalhados pelo Recôncavo?” As pessoas ficam sem argumentos.

Professores, servidores e os quase 13 mil estudantes não estariam necessariamente na Ufba. Foi falado por Lídice da vinda dos interioranos – vamos chamar assim – para estudar na Bahia, em Salvador. Esse pessoal que vai para a UFRB cumpre uma cota de estar e estudar no interior, e não seria acolhido pela Ufba. Mesmo que passasse no vestibular – que é apertado –, teria dificuldade de sobrevivência porque, para a moradia em Salvador, esse pessoal teria de ir para a periferia e teria, muitas vezes, de pegar dois ônibus para ir ao centro da cidade, onde ficam os campi da Ufba. Isso é um impeditivo financeiro para se estudar em Salvador.

Finalmente reduzindo minha fala, uma outra questão que eu quero colocar é um elogio ao vídeo que está circulando nas redes sociais da análise do digníssimo deputado Robinson sobre os 56 anos da Apub. Se alguém não tem o que é a história da Apub, esse vídeo do Robinson está pontuando todos os grandes eventos da Apub

ao longo desses 56 anos. Se você pegar o evento e buscar um aprofundamento, terá uma história completa da vida pregressa da Apub nesses 56 anos.

Eu estou na luta sindical da Ufba e no sindicato da Apub desde que fui contratado como professor colaborador à época, hoje substituto, mas trabalhando em nome da antiga Escola de Agronomia, que hoje é a UFRB.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Obrigado, professor Geraldo. A UFRB é uma filha legítima da Universidade Federal da Bahia, nasceu das suas entranhas.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Convido agora a Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis, presidenta em exercício da Apub.

**A Sr.<sup>a</sup> CLARISSE GOULART PARADIS:** Bom dia a todas, todos e “todes”. Eu gostaria de começar agradecendo a presença de todas as pessoas nesta bela iniciativa do nosso deputado estadual Robinson Almeida.

Joviniano se lembrou da atuação de Robinson na instituição no Dia de Combate à Tortura na Bahia. Como Geraldo falou da importância da interiorização das nossas universidades, eu gostaria também de lembrar da importante atuação de Robinson na luta pela expansão universitária no território baiano, que é uma luta também nossa, do Campus dos Malês.

Então, é com esse compromisso do mandato do deputado Robinson que eu agradeço a iniciativa de saudar os 56 anos da Apub. Eu gostaria de saudar também Tânia, representando a Secretaria de Educação, bem como de agradecer a presença do reitorado da Ufba, na pessoa de Penildon, com quem temos compartilhado essa luta democrática pela universidade pública.

Também queria saudar a professora Mírian, da Unilab; o professor Geraldo, da UFRB; e dizer da alegria de compartilhar com vocês essa luta pela expansão da universidade, pela interiorização, pela democratização do ensino.

Queria saudar o professor Joviniano – essa memória da Apub –, que tem sido um professor cuja história pessoal se mistura com a história da luta política dos professores do território da Bahia. Joviniano tem uma importância muito grande para a Apub, porque além de lutar cotidianamente, ele sempre teve um cuidado muito grande de resgatar a memória do nosso sindicato. Sem memória, não se tem nada. Então, esse é um trabalho muito valioso do nosso companheiro.

Queria também saudar Raquel, a minha grande companheira de sindicato, porque foi na gestão dela que eu me envolvi mais com o sindicato e sempre a tive como referência. Ela está representando o Proifes, que se trata da federação que reafirmamos, na semana passada, como uma representação nossa em âmbito nacional. Com isso, reafirmamos também o sindicato autônomo, independente e de base que é a Apub. (Palmas)

Gostaria também de saudar as deputadas presentes na pessoa da deputada Lídice da Mata. Lídice esteve conosco recentemente em um café de parlamentares

que promovemos na Apub e falou uma coisa muito bonita naquele dia, que foi a importância daquela árvore sagrada, daquele iroco que está logo de frente, numa encruzilhada, em frente à casa da Apub. Com essa fala, deputada Lídice...

Eu vejo aqui presente o pai Alan, ogã e diretor do Programa Voz do Axé. Nós faremos na segunda-feira uma segunda parte das nossas comemorações dos 56 anos da Apub, que é fazer uma celebração em torno dessa árvore sagrada, pensando que o sindicato também é o espaço do lugar de memória, o lugar de protegermos as tradições, as religiões e as práticas dos povos de matriz africana. Então, está todo mundo convidado para essa segunda parte da celebração.

Na pessoa de Laís Santana, do Coletivo Resistência Preta, do Programa Voz do Axé, queria também saudar todos os movimentos sociais presentes, a Conen, o MNU e todos esses parceiros de luta. Gostaria também de saudar a nossa companheira Maria Cristina, secretária de Finanças da Cut e, na pessoa dela, saúdo todos os movimentos sindicais, todos os sindicatos presentes. Queria também saudar especialmente Rosângela, da Assufba. É uma alegria, Rosângela, compartilhar a luta da educação pública com a Assufba, com guerreiros e guerreiras que fizeram bravamente uma luta política, uma greve no último período.

Queria também saudar Herbert, que representa o movimento estudantil, a nossa juventude aguerrida, que não foge à luta e que esteve também presente em vários momentos de luta da Apub.

Enfim, então vou fazer brevemente o meu discurso e espero não os cansar. Eu sei que já está quase na hora do almoço, mas acho que é fundamental registrarmos um pouco mais da história da Apub, que já foi muito bem registrada por nosso deputado. Vamos lá!

(Lê) “Em agosto de 1968, 110 professores reunidos, depois da invasão da Escola de Economia da Ufba pelo exército, decidiram criar o que não havia em nenhum outro lugar do Brasil, uma associação de professores, nos anos de chumbo da ditadura. Na ocasião, recolheram 156 cruzeiros e 40 centavos para comprar os materiais necessários para a recente entidade. Logo depois, o sufocamento do AI-5 fez com que a associação retomasse suas atividades apenas 10 anos depois.

Durante esses 56 anos, a Apub teceu, com os diferentes focos de rebeldia brasileiros, as lutas e as conquistas democráticas do nosso país. Foi capaz de combinar a democracia nas universidades com a democracia nas ruas, nas casas. Nas ruas, lutou arduamente contra o autoritarismo, contra a violência policial, contra as políticas econômicas que produziam fome e carestia, contra as sanhas privatistas dos anos neoliberais e autoritarismo carlista, contra as perdas de direitos mesmo em tempos de governos de trabalhadores e contra uma das confluências mais perversas que vivenciamos: a extrema direita de Bolsonaro.

Nas universidades, a Apub lutou pela anistia de professores exilados e a reintegração daqueles cassados pela ditadura; lutou para a conquista de processos de eleição direta para as gestões da universidade, uma luta que ainda continua; lutou pela profissionalização e constituição de fato da carreira docente; contra o congelamento de salários; contra as ameaças de privatização da universidade; o ataque ao serviço

público; pela democratização da universidade com a implantação do Reuni, das cotas raciais e da inclusão das camadas populares, historicamente excluídas da universidade.

Ao longo desses anos, a Apub inventou e reinventou as suas formas de engajamento, que foram sempre irreverentes e criativas. Ana Alice Costa, presidente da APUB entre os anos 87 e 89, fez sua passagem, mas deixou um legado para a UFBA, para o feminismo e para a democracia no Brasil. Em uma das entrevistas do livro dos 40 anos da Apub, ela disse: ‘A Apub era um lugar de estar junto com a alegria.’.

Quando passei a frequentar as atividades da APUB, uma jovem professora como sou, queria me engajar em um espaço que discutisse a universidade e que, ao mesmo tempo, fizesse frente às precariedades vividas em uma universidade recém-criada e com muitos desafios, que era o Campus dos Malês da Unilab. Um dia liguei para minha mãe, que na minha idade frequentava o combativo sindicato dos jornalistas de Belo Horizonte, para dizer que aqui, na Bahia, tinha encontrado um sindicato onde havia luta e também samba e alegria.

A gestão atual da Apub começou seus trabalhos em um momento muito bonito, quando derrotamos o governo da fome, da morte, da mordaga, do negacionismo, da subversão da religião cristã. Não podíamos estar mais alegres. Era Lula de novo, com a força do povo. (Palmas)

Demos à chapa o nome de Tecendo o Amanhã. Como disse o professor Ponciano de Carvalho, em uma fala poética no dia da nossa vitória, aquele nome o fazia lembrar de um bichinho da seda que vai tecendo os fios e, assim, costurando a vida.

A nova diretoria foi liderada pelo espírito militante, de vida coletiva, de alegria e de amor pela docência e pela universidade pública de Marta Lícia. Em nome de Marta, gostaria de saudar Barbara e Fernanda, duas mulheres admiráveis no seu fazer cotidiano do sindicato (palmas), que sempre tem a tônica de incluir, recepcionar, congregar. Saúdo também Jailson, Manuel Marcos e Ponciano, diretores dessa gestão da Apub, que fazem dessa caminhada um encontro de gerações, de garra e de compromisso com a universidade.

Esse primeiro semestre de 2024 apresentou enormes desafios para a nossa luta política. O movimento sindical docente parece imerso em uma nova-velha cacofonia diante de um cenário político bastante complexo: um governo de trabalhadores pressionado a governar contra os trabalhadores. A universidade está sem persianas, mas a universidade está plena de estudantes negros, quilombolas, indígenas, sertanejos, trans, gays, lésbicas, com deficiência, com transtornos do espectro autista.

Precisamos continuar lutando pela universidade que nos faz bordar a vida. Precisamos mesmo. Mestre Mateus Aleluia, em um prêmio muito bonito que a atual gestão inventou e deu o nome de Comenda Ubiratan Castro, no Novembro Negro disse o seguinte: ‘Viver é a coisa mais linda que existe’. E ele completou: ‘Nós somos um povo de fé, nós temos aquilo que a gente não visualiza, mas nós sentimos que já temos.’. E a Apub deve continuar sendo esse lugar de criar, de confabular, de conspirar por uma universidade popular e por uma sociedade democrática.

Vida longa à Apub!” (Palmas)

E, para homenagear todos e todas que fizeram, que construíram esses 56 anos da Apub, eu queria pedir aos diretores Bárbara, Jailson, Fernanda e Marcos para se dirigirem à frente, porque nós vamos entregar placas de homenagem aos ex-presidentes e aos nossos deputados em nome da Apub, toda história que se fez de luta.

Então, eu queria chamar, para receber, o professor Emanuel Lins Freire, por favor.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis: Gostaria de convidar, para o recebimento da homenagem, o professor João Augusto de Lima Rocha.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis: Gostaria de chamar a ex-presidente da Apub, professora Eveline Correia Gonçalves para receber a sua homenagem.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis: Convido a professora Raquel Nery Gomes Lima para receber a sua homenagem.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis: Convido o professor Joviniano Soares de Carvalho Neto para receber a sua homenagem.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis: Convido a deputada federal Lídice da Mata para receber a sua homenagem.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.<sup>a</sup> Clarisse Paradis: E para encerrar este momento de homenagens, gostaria de entregar a placa ao deputado Robinson Almeida.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Agora, depois de todos devidamente "emplacados" na sessão, para fazer o nosso encerramento, vamos assistir mais uma vez a essa maravilhosa apresentação de Matilde Charles.

A Sr.<sup>a</sup> Matilde Charles: Muito obrigada.

Eu quero somente dizer que meu nome, vocês já sabem, é Matilde Charles. E ao violão, me acompanhando aqui, Val Ribeiro.

Muito obrigada pelo convite para estar aqui, hoje, neste evento tão importante da Apub. Muito obrigada.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Eu estava querendo mais. (Risos)

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das senhoras e senhores; dos deputados e deputadas; da imprensa; e declaro encerrada a presente sessão.

Antes, porém, convido a todos para uma confraternização em comemoração aos 56 anos da Apub, que ocorrerá no saguão ao lado deste Plenário.

Um abraço a todos. Vida longa para a nossa Apub! (Palmas)

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.*

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.*